

Nº	Comentário
1	<p>Não concordo com a intervenção no largo do Teatro Virgínia. Não faz sentido mexer nesse largo. Reduzir o estacionamento (que já é escasso em dias de espectáculo) Não me parece que seja bom e os espelhos de água requerem muita manutenção ou então ficam feios depressa e será pior do que o que está. - a intervenção na margem norte também Não me parece a mais adequada. Tendo em consideração que estará para abrir uma loja do cidadão no edifício ao lado do Convento do Carmo; e que é previsível que os serviços municipais venham a ocupar o Convento do Carmo, penso que a intervenção na margem norte deveria ser no sentido de encurtar a faixa de rodagem (conforme proposto) mas para mudar o estacionamento a norte para estacionamento em espinha ou na perpendicular. Desta forma aumentava o estacionamento, e mais pessoas poderiam deslocar-se a essa zona e aproveitarem quer o rio quer tratem da sua vida na Loja do Cidadão. '</p>
2	<p>Praça do Cine-Teatro - A retirada de lugares de estacionamento no largo do Teatro Virgínia para fazer mais jardim e um espelho de água, é um erro. Tirar estacionamento do centro histórico é afastar as pessoas do mesmo e empurra-las para os centros comerciais. O jardim das laranjeiras é suficiente para aquela área. Mais um exemplo de dinheiro que poderia ser aplicado na aquisição de casas devolutas e degradadas no centro histórico para posterior venda ou arrendamento. Em relação à avenida penso que o que precisa é de manutenção adequada, que não tem, e deixarem-se de aplicações em deck porque requerem grande, dispendiosa e permanente manutenção. A avenida desde o açude até à ponte do raro está muito, muito mal cuidada, desde os bancos de jardim até ao passeio em calçada. Eu proponho a requalificação do jardim das rosas, que também tem manutenção muito insuficiente, eliminando aquele absurdo espelho de água artificial construindo nesse espaço um parque radical como o que existe no entroncamento, é só copiar... Um dos grandes erros do município, a seguir ao espelho de água artificial, na execução do jardim das rosas e área circundante à biblioteca foi a aplicação de madeira (deck `s e nas pontes pedonais) se nem os bancos de jardim têm a devida manutenção e o piso em calçada e terra que dificulta o andar normal, ou com carrinho de bebé... quanto não deve dificultar as pessoas com deficiência motora. Estes projectos demonstram que se continua a não pensar nada nos custos de manutenção dos equipamentos.'</p>
3	<p>A colocação de um "lago" no largo do Virgínia não faz sentido e traz-nos à memória o exemplo recente do "lago" no Largo dos Bancos (Largo Don Diogo Fernandes de Almeida) que, depois de servir durante muito tempo como caixote do lixo, acabou por ser eliminado. Faria sentido ir buscar a memória da Levada que transporta água para a Central do Caldeirão e que hoje se encontra coberta, , através da colocação de janelas com elementos de transparência inseridos no contexto pedonal. Por outro lado, a diminuição em 50% do nº de estacionamentos disponíveis no Largo do Virgínia, (Largo José Lopes dos Santos) apesar de louvável irá criar ainda mais pressão de estacionamento na margem direita do Almonda (já que não são criadas outras alternativas de estacionamento) e, como consequência, maior pressão automóvel na Rua de Trás os Muros, e no eixo de entrada na cidade constituída pelo Largo da Ponte do Raro - Rua 1º de Dezembro - Largo General Baracho onde não foi previsto qualquer tipo de intervenção. Prevê-se, portanto, que a mobilidade pedonal nestes eixos da cidade, se torne ainda mais penosa e perigosa do que já é nos dias de hoje. Acresce ainda que, os Jardins Românticos do final do século XIX e início do século XX, como é o caso do Jardim Municipal, são cada vez mais raros, devido às febres paisagísticas que varreram o País de Norte a Sul, alimentadas por dinheiros comunitários. O nosso Jardim, deveria ser considerado "Espaço de interesse Público Municipal" e as intervenções deveriam ser faseadas e orientadas por consensos muito alargados, com o apoio de arquitetos especializados neste tipo de jardins e, portanto fora do âmbito de um Plano de Intervenções global, como é proposto no âmbito do Pedu. Por fim, importa ainda salientar que a chamada Reabilitação do Nogueiral alheia-se por completo dos disparates cometidos no planeamento da margem direita, que são liminarmente ignorados como se estivesse tudo bem. Basta olhar por exemplo para as traseiras das piscinas Municipais onde se guardam carros de mão e vários utensílios de manutenção. Uma "bela vista" à beira rio -- onde na verdade deveria haver uma passagem pedonal para dar continuidade à fruição do Rio para quem passeia por aqueles lados. Tudo o que venha a ser feito no âmbito da reabilitação proposta, tem que procurar minimizar os enormes erros de planeamento da Margem direita ao nível do trânsito/acessos, do elevado nº e ordenamento do estacionamento e da fruição do Rio. '</p>
4	<p>A proposta de pavimento que faço para a criação dos percursos era a aplicação de um material que brilha no escuro totalmente "Eco-friendly", seria um factor diferenciador e inovador. Estas "pedrinhas" são feitas de uma mistura de materiais sintéticos, resina e pigmentos luminescentes que, depois de ficarem expostos a uma fonte de luz por 10 ou 20 minutos, são capazes de brilhar no escuro durante períodos de 10 a 20 horas, perdendo sua intensidade gradativamente. Esta proposta poderá ser aplicada também ao Parque Almonda assim como a Reabilitação do prédio Alvarenga e edifício dos serviços técnicos e áreas exteriores.</p>
5	<p>A requalificação desta zona revela-se essencial para toda a população de Torres Novas e mesmo para quem visite o concelho.</p>
6	<p>A solução proposta pela ADPTN parece ser muito interessante e no geral merece o meu apoio.</p>

7	<p>Antes de mais gostaria de frisar que este texto não se baseia apenas na vergonhosamente pouca informação disponibilizada neste site. Podia deixar um comentário em todos os projectos uma vez que todos são muito criticáveis, mas opto por este da Avenida (esqueça-se o nogueiral) por ser dos mais graves. Chega de atentados urbanísticos na cidade de Torres Novas. Depois da praça dos claros que plastificou a garagem que nem uma cirurgia estética mal feita e do edifício Startup que, para além de ser uma fotocópia do edifício moderno da Escola Maria Lamas, tapa a fachada de um dos edifícios mais bonitos de Torres Novas que tão bem foi requalificado: o Convento do Carmo. Começamos pela obra da Avenida. É um crime destruir os já mal tratados jardins que são exemplos claros de jardins do século XIX, com o seu estilo de geometrias bem definidas. A boa arquitectura não é destrutiva, mas preservadora do património. Não faz qualquer sentido acrescentar uma fila de árvores, especialmente depois das podas mal feitas aos castanheiros já existentes. Muito menos sentido faz criar um enorme caos de obras, reduzir estacionamento e perturbar o trânsito apenas para mudar só por mudar. A obra do castelo é um enorme exemplo de "show off" arquitectónico. A rampa exagerada deveria acompanhar a encosta do castelo e usar materiais que não perturbem a fisionomia do monumento. A torre de madeira é redundante à rampa e pura e simplesmente não deve existir. A escadaria junto à praça dos claros é positiva e o foco deve ser o seu baixo custo de manutenção. A reabilitação do prédio Alvarenga é positiva mas peca por não ter um objectivo definido. Salas polivalentes é sinónimo de salas inutilizadas. O centro histórico não precisa de salas polivalentes, mas sim de habitantes. A ruína da Igreja de Santa Maria é uma enorme oportunidade para a cidade e não deve ser desperdiçada com terreiros. O edifício era um excelente exemplo da Arquitectura Gótica Mendicante que deveria ser reconstruído com a sua fachada original (não aquela que foi demolida) e a sua torre que tanto remetia à arquitectura manuelina. O seu interior poderia ser usado como museu do castelo criando-se um ali um novo centro museológico para a cidade. As ruas em granito tijolado nada têm a ver com a região e não fazem qualquer sentido. A obra do Almonda Parque também não lembra ao diabo. Vivemos numa cidade onde quem quer fazer desporto tem de se deslocar para a periferia ou para outras aldeias e, em vez de se aproveitar o pouco espaço que existe para colmatar o problema, apresentam-se ideias para construção de mais "jardins das rosas" com relva com fartura, caminhos serpenteados, montes, montinhos, pouca utilidade e elevados custos de manutenção que certamente beneficiarão alguns interesses. Construam-se campos de ténis dignos, campos de basquete e futebol. Relva inútil já existe em demasia. Por fim, a Central do Caldeirão, que tem o projecto mais pobre que chumbaria um estudante de arquitectura no seu 2º ano. É importante valorizar este exemplar da arquitectura Art Deco, mas não é com programas inconclusivos que isto se consegue. As "buzzwords" startup, polivalente, cowork, etc. ficam muito bem num powerpoint mas valem zero na realidade. Recupere-se o programa do centro de ciência viva. Crie-se uma central eléctrica que gere energia e tenha como foco a demonstração e a pedagogia. Um exemplo vivo e visitável de energias renováveis. Acabe-se de uma vez por todas com este estilo autárquico de mostra de obra feita. Já chega. '</p>
8	<p>Concorda-se com instalação do jardim das laranjeiras e com praça no actual estacionamento do teatro Virginia, sendo que haverá que acomodar a manutenção de um maior nº de lugares de estacionamento na proximidade, nomeadamente colocando estacionamento em espinha na zona em frente do antigo edifício dos bombeiros. No lugar do espelho de água, gostaríamos de ver uma grande fonte em calcário inspirada nas formas da natureza, com cascatas e animais da fauna selvagem regional, e que pela sua beleza e dimensão se converta num ex-libris da nossa cidade, à semelhança da "Fontana de Trevi" em Roma. Relativamente ao projecto para o jardim que ladeia a Av. Dr João Martins de Azevedo - Jardim do Nogueiral - será de manter o nº de faixas e o estacionamento na avenida, como estão, cingindo o investimento ao arrelvamento das zonas actualmente em saibro, criação de um percurso pedestre de circulação pedonal contínua, eliminação de barreiras e existentes, substituição de bancos e candeeiros. Uma intervenção muito ambiciosa nesta zona, para além de absorver recursos que poderão ser melhor utilizados noutras zonas, poderia descaracterizar o espaço e criar dificuldades de estacionamento. Os proprietários dos espaços de restauração e divertimento existentes, deverão proceder à modernização dos espaços no novo enquadramento paisagístico - destaca-se o edificado da zona da discoteca Seven, junto ao açude, que deveria sofrer melhoramentos importantes, pois apesar da localização privilegiada, contrasta negativamente na paisagem ribeirinha do Jardim das Rosas.</p>
9	<p>Consegue o três em um, diminui o estacionamento na Avenida, no Largo do Virgínia e gasta um monte de dinheiro. Será que a reabilitação do centro histórico passa por relvar mais 20 m2? Por acabar com cafés históricos? Por promover o estacionamento no Almonda Parque à custa da viabilidade do Teatro Virgínia?</p>
10	<p>De todas as propostas, a que me carece de maior preocupação. Antes de mais, apresenta desde logo uma total insensibilidade pelo património existente, camuflando a destruição deste com um acto de 'evolução' e 'modernidade' que em nada respeita o passado do jardim da avenida. «O legado do Jardim Municipal atual deve servir de inspiração aos projetistas na definição do tipo de intervenção a efetuar neste local, pretendendo-se que a sua história seja mantida e aproveitada nas várias dimensões possíveis.» Deve, mas não foi. A história não é, de todo, tida em conta. A história do lugar nem sequer é tida em conta na preservação, quanto mais na intervenção. O que se pretende fazer à avenida e ao seu jardim não passa de uma intervenção descabida no que ao desenho toca, e no que aos usos também toca. A introdução de uma segunda fila de árvores não pode ser justificação histórica para que, depois, se arrase com um jardim bucólico, de estilo romântico que aos poucos vem desaparecendo de Portugal. A avenida, no seu estilo, é hoje um elemento vincado da evolução da cidade de Torres Novas, sendo um dos seus primeiros passos, conforme se pode verificar pela importância dada a várias notícias do primeiro quarto do século XX, entre as quais, uma se destaca pela intervenção do Pintor Carlos Reis. A preservação da nossa história faz-se, efectivamente, preservando, e não arrasando com a mesma. Os lobbies do paisagismo não podem ser maiores que o nosso sentido estético e histórico.'</p>

11	<p>Em aditamento a um comentário inserido anteriormente acrescento as seguintes considerações: Diz-se que não é possível endireitar a sombra de um pau torto e é bem verdade. No entanto se rodarmos o pau pode ser possível disfarçar "tortura" do mesmo! Por isso considero vitais, pelo menos, 3 intervenções que são enquadráveis no PEDU para a valorização da margem direita do Rio: - Eliminação de cerca de 15% dos lugares (existem quase 100 lugares formais de estacionamento na margem direita) em partparticular junto ao jardim infantil e devolver essas áreas ao jardim! - Construção de um passadiço na margem traseira das piscinas para dar continuidade pedonal ao longo do Rio. Quem caminha naquela margem perde o Rio a seguir à biblioteca e só o volta a ver, no Açude Real ou na ponte da Levada. Aquele local serve hoje de estaleiro, vedado por uma rede de galinheiro, onde se guardam carros de mão e outros utensílios de manutenção. Bela Vista da margem esquerda!! - Alargamento de 2 metros (creio que seria suficiente 1 metro de cada lado), de forma a permitir a passagem de 2 automóveis em simultâneo. Desta forma, poderia aliviar-se o trânsito na Rua Trás-os-Muros com múltiplos benefícios para a mobilidade pedonal daquela Rua. Nesse contexto, a Rua de Trás-os-Muros deveria também ser requalificada e ser considerada Zona de coexistência conforme previsto na Lei 131/2012 - alterações ao código de estrada. No âmbito destas intervenções, será necessário reavaliar e reordenar percursos pedonais de forma a lhes dar mais coerência e continuidade e torna-los acessíveis para TODOS Essas propostas parecem-me 100% realizáveis, sem grandes dificuldades técnicas e custos relativamente baixos para os benefícios que iriam proporcionar. Haja coragem política! Sobre a Rua Trás os Muros só quero deixar uma última nota: quase diariamente sou testemunha ou parte integrante de situações de tensão com automobilistas. Só espero que um dia a "casa não venha abaixo" numa das Ruas mais emblemáticas e esquecidas da cidade e que as intervenções na margem direita transformaram numa espécie de "cano de esgoto" para automóveis! Só com uma enorme carga de demagogia, é que se podem mandar centenas de carros para a margem direita do Rio através do estreito acesso da Rua de Trás os Muros e depois falar-se em "mobilidade sustentável", "baixo teor de carbono", "redução da poluição do ar e do ruído" como objetivos do PEDU que não fazem uma única abordagem a esta situação! '</p>
12	<p>Este projecto deve parar, 1- é de um enorme impacto na cidade, as propostas radicais devem merecer o maior debate, a maior discussão publica das populações das instituições e dos especialistas, isso não aconteceu por manifesta falta de tempo. 2 - nenhuma força politica recebeu mandato para tomar tais decisões. 3 - o projecto destrói o principal jardim da cidade, exemplo quase único pela sua singularidade, não tem nenhuma proposta para as margens do rio que se encontram em declínio, não responde ao problema do transito de acesso às piscinas e biblioteca, a ponte precisa de ser alargada e o projecto nada diz sobre isso. 4 - mexer na av. sem ao menos prever uma ciclovia, não é das exigências dos tempos de hoje.</p>
13	<p>Falemos agora da Praça do Virgínia . Também aqui os elementos são demasiado escassos, não se vislumbrando muito para além dos aspectos mais gerais da organização do espaço pedonal e viário . Numa proposta desta dimensão é essencial compreender a gramática dos materiais, dos elementos naturais e construídos, do desenho do pavimento, do modo como o espaço poderá ser fruído, etc. etc. Não deveria este projecto integrar, numa lógica única de continuidade, o Parque Almonda, até ao largo do Virgínia passando pela rua do Caldeirão (de trânsito limitado) integrando a rua da antiga entrada no campo de futebol. Seria ou não possível dar visibilidade ao antigo canal do Amora, pondo-o a descoberto no troço possível , ainda que com cobertura engradada para não impedir a circulação . Relembre-se que este começando junto ao Açude Real passava paredes meias com a antiga Casa de Saúde, hoje marisqueira, movia com as suas águas a moagem de cereais e o lagar , accionando depois as turbinas da antiga Central Eléctrica e despenhando-se de novo no rio Almonda . Este era um notável exemplo de aproveitamento hídrico que importava conhecer e divulgar. Claro que algumas destes artefactos não podem já ser retomados . Retome-se o essencial no que ela pode conter diferenciador de outras urbes . Seria pretencioso citar aqui locais, noutros países, em que situações similares foram aproveitadas ; alguns as conhecerão '</p>
14	<p>Gostaria de propor a criação de uma rotunda no entroncamento da Avenida Dr. João Martins de Azevedo com a Rua 25 de Abril , criando assim uma maior fluidez de transito nessa zona que por muitas vezes é caótico .</p>
15	<p>Já era altura de se pensar numa reabilitação do centro histórico de uma forma coerente e consistente com todas as zonas que o compõem . Parabéns</p>
16	<p>Julgo tratar-se de um equívoco esta zona aqui descrita não é o Nogueiral .O Nogueiral é junto a rodoviária .</p>
17	<p>Mais uma ideia interessante e com visão, uma vez que será uma mais valia para esta zona da cidade, bem como para os habitantes torrejanos.</p>

<p>18</p>	<p>Na “Zona 3 - Reabilitação do Nogueiral” felicitamos a decisão da CMTN em manter o jardim das laranjeiras com a manutenção adequada. No entanto, no geral, a intervenção proposta é na nossa opinião desnecessária, pois da forma como está prevista torna-se demasiado interventiva na zona em questão e não se justifica. A Avenida, como está, já permite a deslocação pedonal e rodoviária apropriadas. Os únicos melhoramentos a considerar seriam a criação de condições para pessoas com mobilidade reduzida ((cadeiras de rodas), a criação de uma ciclovia (para deslocações diárias dos cidadãos) que acompanhe o percurso da estrada e a recuperação de alguns espaços que actualmente são apenas brita e terra batida. No que diz respeito aos jardins da zona envolvente, a nosso ver, a proposta apresentada com a remoção das sebes no espaço Oeste, a deslocalização do quiosque aí existente, a destruição do mobiliário em pedra que existe no lado Este e a criação de algumas novas vias de circulação descaracterizam o espaço existente. Gostaríamos também de alertar para o facto dos espaços arrelvados serem de alta manutenção em termos económicos, por isso, achamos que existe todo o interesse em manter os actuais espaços arbustivos em sebe no jardim diminuindo assim a área relvada (que necessita de mais manutenção) e aumentando as áreas com pequenas sombras. Aconselhamos nos casos de novas plantações de árvores e arbustos a ter cuidado na escolha das espécies a utilizar, recorrendo a espécies autóctones e não exóticas, uma vez que as nossas espécies estão mais adaptadas ao nosso clima e condições locais, logo exigem menos gastos de manutenção a curto, médio e longo. É também importante garantir que as árvores existentes sejam mantidas pois não seria economicamente viável e é desaconselhado a nível ecológico que se cortem árvores existentes onde se quer recuperar um espaço verde. A Direcção da 30POR1LINHA - Associação Sociocultural e Ambiental. ’</p>
<p>19</p>	<p>Na proposta apresentada é de saudar a intenção de criar um passeio nivelado e com largura suficiente desde a rotunda do Convento do Carmo até ao início da Rua Alexandre Herculano, algo que faz muita falta neste momento. Também é de saudar a manutenção do jardim das laranjeiras perto do futuro edifício dos BVTN.No entanto, consideramos que a intervenção proposta é, no geral, demasiado grande e desajustada. E, a nosso ver, desnecessária. A Avenida, como está, já permite o passeio e a deslocaçãedeslocação pedonal e rodoviária adequada. Ou seja, não é necessária uma requalificação de fundo para esse propósito, que justifique o gasto de 2,3 milhões de euros (cf. documento “Orçamento Municipal e Grandes Opções do Plano 2016”). Também estranhámos que as obras propostas sejam meramente de cariz estético e paisagístico e deixem de fora as questões do edificado, ao contrário do que vem mencionado na pag. 132 do documento “Orçamento Municipal e Grandes Opções do Plano 2016”, e que justifica as intervenções - “Reabilitação do Nogueiral, incluindo a reabilitação de edificado para fins comerciais e habitacionais.” Se melhoramentos há a fazer, é na melhoria das condições para deslocação de cadeiras de rodas (por ex. criando uma faixa pavimentada com material com menos atrito e “desacertos” que a calçada portuguesa), na criação de uma ciclovia (útil, para deslocações diárias, e não de passeios) que acompanhe o percurso da estrada, e a recuperação de alguns espaços que actualmente são apenas brita e terra batida. Na página do PEDU dedicada à reabilitação do Nogueiral está escrito que “O legado do Jardim Municipal atual deve servir de inspiração aos projetistas na definição do tipo de intervenção a efetuar neste local, pretendendo-se que a sua história seja mantida e aproveitada nas várias dimensões possíveis”. No entanto, cremos que não é de todo o caso com a proposta actual, já que, a nível de circulação, propõe alterar a largura do passeio sul, da estrada, do passeio norte e do estacionamento nesse lado. A nível dos espaços ajardinados propõe a destruição ou deslocalização de praticamente todo o património edificado e mobiliário urbano, e a destruição da grande maioria dos elementos paisagísticos actuais. Indo por partes: i) O passeio do lado sul já é largo o suficiente (está entre os mais largos da cidade) e não precisa de ser alargado para uma boa circulação pedonal. Excepção feita ao troço entre o café do Açude Real e o início da R. Alexandre Herculano, como mencionado. ii) A criação da “promenade” com uma segunda faixa de árvores é desajustada e desnecessária. Não é necessária essa intervenção para uma boa fruição da avenida. Além que iria aumentar a necessidade de manutenção de espaços verdes pela CMTN, neste momento já deficitária de meios humanos e recursos. Seria muito mais útil, e em linha com uma visão prática de futuro que a largura da avenida fosse utilizada para criar uma ciclovia útil para deslocações diárias dos cidadãos. A proposta apresentada menciona reduzir a largura da estrada de 9,5m para 7m (uma redução de 2,5m) para aumentar o passeio existente do lado sul, para a colocação da segunda fila de árvores. No lugar desta operação, dever-se-ia aproveitar parte destes 2,5m para implementação da ciclovia de Torres Novas (prevista no PAMUS), independente da estrada. Não implicaria obras no passeio, nem na estrada, apenas a delimitação da referida ciclovia, com uma pequena barreira para impedir que a mesma fosse usada para estacionamento indevido. A nosso ver seria uma intervenção mais útil para os Torrejanos - sobretudo a geração mais jovem, precisamente a que irá usufruir mais das obras efectuadas - e com uma melhor utilização dos fundos públicos existentes. Ainda que a execução da ciclovia de Torres Novas não seja a realizar no âmbito do PARU, mas do PAMUS, deve ser previsto o espaço para a sua execução. iii) Uma outra sugestão para o passeio sul da avenida (e conciliável com o passeio actual) seria a inclusão de uma faixa de passeio liso, com menos atrito para cadeiras de rodas, carrinhos de bebé e pessoas com dificuldades de locomoção. iv) Relativamente aos espaços ajardinados, reparamos que a proposta actual descaracteriza quase por completo o espaço existente, com a remoção das sebes no espaço Oeste, a deslocalização do quiosque aí existente, a destruição do mobiliário em pedra existente no lado Este (ao lado do café Açude Real) e a criação de algumas novas vias de circulação que nada evocam a história do espaço que se quer manter. Os espaços arrelvados são de alta manutenção em termos de dinheiro e tempo. Manter os actuais espaços arbustivos em sebe no jardim da não diminuiria o potencial de fruição do espaço e diminuiria a área relvada a necessitar de manutenção, e aumentava as áreas com pequenas sombras. Além que manteria viva a história do local e um tipo de jardim que já escasseia no nosso País.</p>

Seria uma relíquia viva que, não temos dúvida, seria de importância regional a médio-prazo. v) É nossa opinião técnica, enquanto Biólogos, que, nos casos em que houver plantação de novas árvores e arbustos, há que ter cuidado na escolha das espécies a utilizar, utilizando espécies nativas e não exóticas. As nossas espécies nativas estão mais adaptadas ao nosso clima e condições locais, e portanto, exigem menos gastos de manutenção a curto, médio e longo prazo (consumo de água, podas, substituição regular, etc). Além disso, estar-se-ia a valorizar a biodiversidade nacional e local (pense-se na promoção da Serra de Aire). Já existem vários viveiros e fornecedores em Portugal de espécies e variedades autóctones, portanto esse não deverá ser um impedimento para a sua utilização. A conjugação de diferentes espécies mediterrânicas - por exemplo, loendros, aroeiras, medronheiros, alecrim, alfazema, choupos, freixos, entre outros - permitiria ter folhagem verde e inclusivamente flores durante quase todo o ano. É também essencial garantir que as árvores existentes são mantidas. Seria contraproducentes (além de um gasto de dinheiro desnecessário) que se cortassem árvores já existentes onde se quer recuperar um espaço verde. Espero que a CMTN garanta que isso não aconteça. vi) Caso seja necessário intervir directamente nas margens do Rio (para manutenção, reforço ou criação), advogamos que a opção técnica mais coerente seria a utilização de técnicas de Engenharia Natural. A Engenharia Natural (Soil Bioengineering em Inglês) é já uma área estabelecida e com provas dadas na recuperação de áreas naturais degradadas. Acarreta menores custos que as técnicas "convencionais", utiliza materiais naturais ("vivos" como postes de madeira, estacas vivas, entre outros), e permite uma melhor recuperação da margem, e até melhor efeito estético. Existem empresas já especializadas neste tipo de obras, por exemplo a EcoSalix <http://ecosalix.pt/>, entre outras. Este tipo de intervenção - se necessário, em qualquer troço do Almonda - irá mais em linha com "a renaturalização das margens do rio, a elaborar com base em soluções que visem a sua recuperação biofísica e integração paisagística, criando uma "faixa elástica" de proteção e conservação da linha de água e margens" (cf. Site PEDU). vii) Também não entendemos a necessidade da deslocalização dos dois quiosques existentes na avenida. O quiosque / café existente no lado Oeste e espaço envolvente faz parte da história e espírito do local e não vejo justificação técnica ou outra, para o relocar. Recolocar o outro quiosque, na junção da avenida com a rua 25 de Abril, irá trazer problemas de trânsito para a Avenida. Hoje em dia, frequentemente estão carros estacionados em frente ao quiosque, nesse dito cruzamento. Apesar de ser indesejável (e algo que deveria ter atenção das autoridades), ainda é possível contornar os carros parados, dada a largura do cruzamento. Ao colocar este quiosque noutra local da avenida, vão continuar a haver carros parados em frente ao quiosque, mas, nesse caso, sem a referida largura de via que permita um menor entrave ao trânsito. A localização actual do quiosque é, o sítio "menos mau" de o ter na avenida. Este cruzamento poderia, inclusivamente, ser redefinido de modo a permitir a paragem de um ou dois carros, sem incomodar o trânsito nem o fluir da modalidade pedonal e da ciclovía. viii) Por fim, manifestamos uma grande preocupação com a proposta de retirar o estacionamento do Largo do Teatro Virginia, sem darem alternativas para o efeito. Actualmente este estacionamento está ordenado, tem muita utilização, e serve o Teatro Virginia, a discoteca, o centro histórico, a escola de polícia e até o mercado às terças-feiras. Os estacionamentos mais próximos - Almonda Parque e antigo Convento do Carmo - já enchem nestes dias de eventos. Como será sem mais este estacionamento? Retirar o estacionamento do Virginia, sem dar uma alternativa realista, vai provocar maior desorganização no trânsito e no estacionamento (os passeios serão cada vez mais utilizados para tal), para não falar do descontentamento generalizado. É de referir que, como moradores dessa zona da cidade, notamos que em dias de eventos há quem estacione, além de em cima dos passeios, em cima da pouca zona relvada desse mesmo parque. Como tal, alargar a área ajardinada só iria aumentar as necessidades de manutenção dessas áreas, devido ao previsível aumento do estacionamento indevido. É uma obra desnecessária, uma vez que o espaço como está actualmente está ao serviço e uso da população e é do seu agrado. Além disso, não há necessidade de uma nova praça naquele local da cidade, é redundante. Já um estacionamento sim, é crucial. ix) Nesta avenida, como noutras áreas com passeios, deve-se optar por subir a estrada nos locais de atravessamento da estrada (com uma lomba suave, por exemplo) como alternativa a rebaixar os passeios nas zonas de passagem pedestre. Os desníveis do passeio para a estrada requerem energia por parte dos peões com dificuldade motora para subir e descer esses desníveis.

O ideal seria criar o menor atrito e dificuldade possível nos atravessamentos. Adicionalmente, os desníveis requerem um passeio mais largo, onde exista área de passagem plana para as pessoas e área de desnível para acesso à passagem. Esta necessidade, a nosso ver, é algo igualmente problemático em áreas da rua onde o espaço para peões já é limitado. Em resumo, e como referimos no início, a proposta de intervenção é demasiado "pesada", desnecessária e descaracterizadora da história e legado da Avenida, do Jardim Municipal, e um uso descabido de fundos públicos. As intervenções a realizar deveriam ser mais focadas na melhoria dos passeios, da mobilidade de cadeiras de rodas e carrinhos de bebé, na criação de uma ciclovía útil e na recuperação dos espaços "em branco" do jardim. Nuno Curado - Biólogo, MSc em Biodiversidade e Sustentabilidade; Sabrina Carvalho - Bióloga, PhD em Ecologia (e moradores no centro de Torres Novas) '

20 Não concordo com o alargamento do passeio da Av. Porquê? Não concordo com a deslocalização da "Esplanada Jardim para cima do rio, Até porque não podem existir construção a menos de 10m da linha de água. Não concordo em absoluto com a intervenção para o Largo do Virginia, mais espelhos de água? Para depois estarem no mesmo estado em que se encontram os outros. A manutenção quanto é que custa? Como é que vão alargar o passeio do lado do edifício Açude Real? com uma muralha? Uma plataforma suspensa, esta última parece-me mais lógica.

21 Não percebo e não concordo com um "Lago" no Largo do Virginia, não percebo o porquê de irem mexer nos passeios e na estrada da Avenida, não é prioritário, pois existem muitos mais locais que são bem mais prioritários, o Jardim municipal deveria de ser mantido, apenas necessita de uma eficaz manutenção. Gostaria de ver mais e melhores ideias para o Rio Almonda e a sua utilização com zonas de recreio que chamem as pessoas às margens do rio, precisamos que devolvam o Rio aos munícipes, que desfaçam os bloqueios ao Rio que existem em vários locais da cidade e que facilitem o "namoro" da população com o Rio. '

22	<p>O FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens, tendo por base a informação disponível referente ao PEDU para Torres Novas, vem por este meio procurar dar o seu contributo na presente discussão pública, esperando que as futuras intervenções, para além de permitirem melhorar a fruição do espaço e valores naturais em presença por parte do cidadão, possam manter a sua função ecológica, nomeadamente no que respeita ao contínuo fluvial essencial para a manutenção de espécies da flora e fauna, assim como no que respeita aos serviços de ecossistema prestados pelos sistemas de água doce, como é o no caso concreto o rio Almonda. No que respeita à proposta em si, existem alguns aspetos para os quais tecemos algumas considerações. No que concerne aos remates de margens que no PEDU preveem a reconfiguração da margem do rio, no Parque do Almonda, com a introdução de muretes em gabião com plantações associadas, utilizando espécies naturais das margens das linhas de água. Somos da opinião que deverá ser estudada uma opção que envolva a utilização de técnicas de engenharia natural de intervenção menos pesada, com bons resultados ao nível ambiental e ecológico, assim como economicamente menos oneroso. Em território nacional, são inúmeros os exemplos de sucesso, como os do Rio Tinto, Tâmega, Douro, Pranto, entre outros, já foram apresentados e propostos a este município no ano transato, como uma possibilidade de aplicação para o Rio Almonda. Ainda no que respeita às alterações previstas no PEDU para toda a extensão das margens do rio Almonda, somos da opinião que deverá ser ponderada uma opção de intervenção minimalista e pontual, com retirada de exemplares que tenham problema fitossanitários, com problemas de formação e/ou espécies exóticas, privilegiando a manutenção de um contínuo arbóreo com os espécimes de espécies autóctones já existentes ao longo das margens, e eventual reforço, melhorando as áreas de sombra no canal em período de estio e promovendo a diversificação de habitats na zona de transição entre as áreas terrestre e aquática. Ao nível da flora, não existindo um conhecimento concreto sobre o destino do restante conjunto arbóreo presente nas actuais áreas ajardinadas, será importante que em caso de necessidade de abate e substituição de espécimes, seja estudada a opção de instalação de espécies de árvores e arbustos autóctones, mais adaptadas ao clima e condições locais, e portanto, exigindo menos gastos de manutenção a curto, médio e longo prazo, e cuja valorização no que respeita à biodiversidade local é maior. Para finalizar, relativamente aos caminhos pedonais previstos, seria importante estudar alternativas ao betão, que sejam mais ecológicas permitindo maximizar a infiltração nestas áreas verdes, sendo expectável que existem alternativas mais favoráveis ao nível económico e ambiental. 16 de Fevereiro de 2017 A Direcção do FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens Patrícia Silva e Cheila da Luz (delegadas FAPAS - Torres Novas)'</p>
23	<p>Os estudos prévios de intervenção na Avenida Dr. João Martins de Azevedo são simplesmente uma calamidade. Gostaria de ver um parque infantil onde já houve um de boa memória; gostaria de ver a sebe a delimitar o jardim da avenida, devolvendo o ambiente bucólico de outrora. Se eliminarmos o estacionamento actualmente disponível, onde se vai estacionar? No jardim (estacionamento) das rosas? Por favor não estraguem a avenida como fizeram em inúmeros outros locais.</p>
24	<p>Para a modernidade de uma cidade como T. Novas e muito importante realizar este tipo de obras, com as quais genericamente concordo.</p>
25	<p>Para além de alguns canteiros é essencial prever a passagem junto do rio numa ecopista (bicicletas, caminhadas e jogging) que tal como acontece em todas as cidades Torres Novas também merece ter, assim haja competência para a levar por diante. Tal ecopista deverá numa primeira fase estender-se de Lapas à Ponte Nova, seguindo tanto quanto possível junto das margens do rio, que tem belíssimos recantos que deviam estar acessíveis a todos os cidadãos.</p>
26	<p>Projecto bem concebido, respeitando as características originais, tornando o local na "promenade" da cidade, mostrando potencial para cativar os torrejanos e turistas a sair e usufruir de um local relaxante.</p>
27	<p>Rasgada há cerca de 90 anos, a Avenida João Martins de Azevedo constitui, ainda hoje, o verdadeiro passeio público da cidade. Apesar de concordar em absoluto com as intervenções do lado nascente da avenida, largo e envolvente da Virgínia, considero que as intervenções ao longo de todo o percurso da avenida, por mais interessantes que sejam, estão longe de ser prioritárias em função de situações muito mais prementes na cidade. A margem direita é uma dessas situações. Urge resolver as inúmeras deficiências que aí podem ser identificadas, nomeadamente, o afastamento do Rio proporcionado pelo mamarracho das piscinas municipais ou a falta de continuidade pedonal que se reflete em toda a sua plenitude nas pessoas de mobilidade reduzida; é preciso repensar os cerca de 100 lugares de estacionamento, já que aí desaguam centenas de carros todos os dias com um único e precário acesso através da Rua Trás os Muros que, mais uma vez, fica para trás. A intervenção na margem esquerda ao longo da avenida, poderia ser a cereja no topo do bolo, mas na realidade, enquanto não houver coragem política para assumir os erros recentes, ou outras situações politicamente mais complexas, tudo o que se possa fazer, na margem esquerda só servirá para tirar dividendos daquilo que de bom ainda permanece. A intervenção proposta seria bem-vinda, mas "antes de trocar a mobília da sala de estar, é preciso consertar o telhado" e a margem esquerda nunca viverá bem sem uma solução bem integrada com a margem direita'</p>
28	<p>Sou contra a reabilitação do Nogueiral proposta. O jardim da Av. Dr. João Martins de Azevedo não deve ser alterado. Deveria sim ser reposta a sebe que separava a estrada e o jardim protegendo quem lá estivesse de poeiras e ruídos. Esta sebe foi indevidamente retirada há uns anos atrás.</p>

29	<p>Transcrição do meu artigo publicado recentemente no O ALmonda, erradamente em nome do meu filho João Ribeiro. Av. João Martins de Azevedo - A reviravolta que terá de acontecer no estacionamento da mais linda salas de visitas da nossa cidade. Passá-lo para o lado contrário! O ideal seria proibir o estacionamento em toda a sua extensão, no entanto será impensável. Eu sei que é um pouco arrojado, que causará alguma polémica, mas quanto mais tarde se proceder às alterações, pior, pois como poderpoderão verificar são as mais ajustadas à situação actual. Situemo-nos na descida do viaduto do Rio Frio, voltados para a Avenida Marginal e vejamos. O passeio do lado do rio, desde a Ponte do Raro, até à Rotunda do Açude Real, apenas é descontinuado por uma passagem de acesso à ponte que serve os parques das piscinas e do Jardim das Rosas. Tem pois muito mais espaço que o passeio do lado contrário, que é descontinuado por duas travessas, duas ruas, uma avenida, passagem para cerca de 10 garagens particulares, além de 2 paragens de autocarros. Dos actuais cerca de 60 lugares de estacionamento, passaríamos quase o dobro e acabavam-se com o abuso de alguns, que tendo ali garagens para o efeito, estacionam as viaturas menos usadas, por períodos bastante longos. Basta ver a erva que cresce debaixo dos carros, sinónimo que a via não é pisada. Mas há mais razões para a mudança. Do lado esquerdo apenas existem dois estabelecimentos de prestação de serviços, e junto a eles há uma travessa e uma rua, onde poderão criar estacionamentos temporários até uma determinada hora, para que os utentes possam tratar dos seus assuntos, descansadamente. Do lado direito, temos três estabelecimentos comerciais, e nestes os clientes que para ali se deslocam, em princípio usufruem dos mesmos por períodos superiores a 30 ou mais minutos. Além disso, sendo esta avenida o lugar por excelência dos torrejanos e não só, para passearem com os filhotes e ou netos, ao estacionarem deste lado, não correm o risco de terem que atravessar a avenida em condições de segurança precária Como devem calcular, muitas das vezes passeava-se com os nossos pequenotes, sempre com o coração em ânsias, com medo que a qualquer alturas dentro das suas traquinices, atravessassem a avenida a correr. Um problema que deixava de existir. É claro, que a nossa Avenida Marginal, teria que sofrer uma pequena alteração na sua fisionomia, alteração essa que beneficiaria em muito a circulação que por vezes é caótica. O entroncamento desta Avenida com a Avenida 25 de Abril, deveria ser substituído por uma Rotunda, pois há ali espaço para isso. Acabavam-se com os semáforos que são um outro problema. O trânsito ficaria mais controlado e fluído e os peões, passariam a ter prioridade nas passadeiras que ali existem. Quanto ao Quiosque, deslocar-se-ia, cerca de 70 metros mais à frente, onde teria mais espaço para a sua actividade e aproximava-se mais do novo edifício que em breve começara a funcionar, servindo também para apoiar quem ali vai tratar de alguns assuntos, ou ali trabalha. Outra razão de grande importância. Diariamente as nossas crianças, são ali deixadas para irem às piscinas. Quando ali para um autocarro é um pandemónio. Seria criado um refúgio, para esse efeito. Bastava roubar cerca de um metro ao passeio. Aqui, só seria autorizado o estacionamento a partir de uma determinada hora, durante a semana, como é óbvio e sempre aos feriados e fins de semana. Junto ao novo local do Quiosque, proibia-se também o estacionamento num determinado espaço das 09 às 20 horas, substituído por lugares de paragem permitida até 5 ou 10 minutos. Como vem sendo habitualmente é que não se pode tolerar. Há carros constantemente parados mesmo que por pouco tempo, mas que prejudicam todo o trânsito na confluência desta via com Avenida 25 de Abril. Claro, que também deverá ser criado estacionamento para deficientes. Os locais terão que ser devidamente estudados, por quem de direito. Uma sugestão de menos (?) importância. Por acaso sabem de quem é o busto que está do lado de dentro do jardim junto à Ponte do Raro. Muitos, mas muitos torrejanos não sabem, por nunca por ali passaram, mas é bom que passem e saber quem foi aquela ilustre pessoa. Seria uma boa oportunidade, para se abrir ali uma passagem para peões, que assim, além de enriquecer a cultura da nossa gente, tornava o espaço mais aberto, que além de ser muito agradável, fazia com que o mesmo local deixasse de ser em certas alturas refúgio para se praticarem alguns abusos incorrectos, tal como está a acontecer na pérgula que dá acesso à Rua Trás os Muros, pela ponte de madeira. Muitas das vezes há pessoas que têm medo de por ali passarem. Uma atencãozinha para as autoridades competentes. Afastem deste local quem para ali vai fazer o que não deve. Com estas alterações teremos mais e melhor qualidade de vida, na nossa cidade. Desde de Lisboa a 20/10/2016.</p>
30	Na minha opinião não deveriam ser feitas alterações no parque estacionamento do Virginia pois é algo bastante útil.
31	É uma ideia bastante satisfatória visto que, se vai construir mais espaços verdes apesar de Torres Novas já conter alguns, mais espaços verdes nunca é demais.
32	Todas as obras que valorizem o ambiente e tragam valores para a população será sempre de apoiar.
33	Não me parece fundamental. Espero que preservem as pérgolas com jardim que é único no país com as suas características singulares. Dotar-se os espaços possíveis de "ilhas ecológicas."
34	Ao fazerem o que está previsto em projeto, descaracterizam por completo a avenida. Preocupam-se em conservar, em regularizar o piso, em investir no jardim que em tempos era um dos nossos melhores cartões de visita, em reabilitar toda a zona ribeirinha, que tendo tem que desabrochar. Não é a pensarem na cidade assim, que conseguem atrair mais visitantes.
35	A requalificação da avenida não é prioritária. Para além do mais, o projeto apresenta-se como uma grave destruidor patrimonial uma vez que visa a destruição de todo jardim bucólico da zona ribeirinha, que é já uma imagem de marca da mesma. Acrescento ainda que logisticamente é impensável reduzir a faixa de circulação e o estacionamento da avenida, já que teria graves consequências no elevado tráfego da zona.
36	Ok.
37	Acho que esta zona não é prioritária. Reabilitar o jardim antigo, dar-he um aspecto mais cuidado isso sim concordo.
38	Total desprezo pelo jardim de estilo romântico, ironicamente, este projeto é apresentado como tendo em conta a história do sítio, assentando o argumento na replantação de uma segunda filade árvores, porém desprezando tudo o resto.
39	Concordo em absoluto com a proposta. Apenas ter em atenção o espelho de água, junto ao teatro, não vá depois acontecer como outros espelhos de água na cidade "rotundas".
40	Proposta de casas flutuantes no rio Almonda em número não superior a 4 e na área intervencionada em ligação ou não com a requalificação dos pesqueiros.
41	Não creio ser necessário o espelho de água no Virgínia e que os espaços ao longo da avenida sejam separados por tipos de jardim: de zen, de movimento da conversa tudo sinalizado por tipos de árvores arbustos e mobiliário urbano.
42	É necessário repensar a organização do estacionamento. A situação do projetista não parece a mais adequada.
43	Criar uma zona para os animais de estimação.

44	Concordo com os passeios e com a valorização do Virgínia.
45	Percebe-se a aversão do senhor arquitecto à bicicleta, mas com a generalidade dos passeios deve haver uma zona de utilização mutua para bicicletas e peões. Na praça do Virgínia o espelho de água deve ser biológico para que não tenha custos de manutenção.
46	Estou em desacordo com as alterações propostas na faixa de rodagem e e nos passeios. Aliás Avenida Marginal sofreu intervenção camarária creio que em 1978 de modo a aumentar os passeios, a faixa de rodagem e criar espaço para estacionamento. Mandem proceder à regularização do pavimento, ao desentupimento das sarjetas e à melhoria do jardim.
47	Um projeto útil ao nível do teatro, uma vez que o parque de estacionamento à saída deste não tem lógica. A restante parte do projeto parece-me desnecessária, sendo a área agradável atualmente.
48	Não acho necessário!
49	Concordo mas acho que não é das deias que tenho mais "utilidade" e prioridade.
50	Concordo com a elaboração de passeios para peões ou ciclistas.
51	Concordo e desacordo porque vão tirar estacionamento, mas por um concordo, porque Torres Novas e o teatro Virgínia fica mais "aberta" "livre".
52	O projeto não faz qualquer sentido. Reabilitar o jardim sem dívida mas manter mas manter o atual traçado da via e do jardim que precisa de ser limpo e mantido regularmente. O Largo José Lopes dos Santos precisa de ser "arranjado" com menos estacionamento, mas não do modo radical como é proposto. Nada de espelho de água. Sugere-se a colocação de um busto da atriz Virgínia na praça central.
53	Criação de uma ciclovía
54	Proposta: margem esquerda do rio Almonda entre a ponte do Raro e o Açude Real :1- reabilitação da margem em estacaria de pinho verde. 2- colocação de plataformas em madeira tratada ou lage pedra nos mesmos locais onde se encontram os atuais para a prática da pesca desportiva.
55	Quanto ao Jardim da Avenida, o jardim está muito bem como está e não necessita de qualquer intervenção a não ser em casos pontuais. Reduzir a faixa de rodagem e deslocaliza-la para junto das habitações, reduzir o o estacionamento em mais de 50% que já é limitado. O estacionamento entre árvores e ainda a subtrair as entradas para para carros nas moradias existentes nesta avenida, que agora já é insuficiente e que o Almonda Parque não dá resposta. Quem vai aos CTT, Telecom, Tribunal, Piscinas, Biblioteca Jardim e outros serviços disponíveis neste grande área não vai por o carro ao Almonda Parque, fica longe e não é prático para quem está a trabalhar ou a usufruir do referido espaço. Penso que o café Razões necessita de obras de remodelação mas a proposta de deslocalização e passar para Bar Esplanada em deck ???, o nada de novo nem de interessante. Aumentar as áreas de relva (quem vai pagar a água no futuro??? ou vamos deixar morrer as plantas... não será melhor uma solução economicamente sustentável), um jardim tem que ser pensado e não ser uma fonte inesgotável de despesa para o nosso município. De seguida vem o teatro Virgínia e a sua envolvente, mais uma proposta de acabar com o estacionamento. Pergunto querem ou não o teatro com pessoas a assistir aos espectáculos??? Neste momento e em dia de casa cheia já insuficiente o estacionamento existente, para não falar que neste zona durante a semana o parque e a zona envolvente está quase sempre cheia com os carros dos estudantes da escola prática de polícia e dos seus funcionários. Também é este o parque que dá apoio aos pais e aos miúdos que frequentam a escola de música do Choral Phydélius, ao comércio local e não só... O Parque Almonda não tem capacidade de resposta para tudo isto. Sem dúvida que se pode e deve melhorar, para dar mais dignidade ao Teatro Virgínia desviando a estrada existentes de forma a aumentar a área ia de unificado não condicionada esta solução de ampliação do edifício dos bombeiros que ainda não está executado.
56	Defendo a beneficiação do jardim da Avenida Dr. João Martins de Azevedo e não a remodelação total da Avenida. A faixa de rodagem proposta de 7 m é demasiado estreita para uma via a estruturante da cidade assim como o passeio de 1,50 m junto à futura Loja do Cidadão/Start-Up (não compreendo porque se atribui à avenida uma largura inferior à rua dos bombeiros: 8 m). O Largo do Virgínia e o Jardim das Laranjeiras justificam uma anexação, aumentando o largo e compatibilizando o estacionamento com árvores. É necessário ponderar o custo de manutenção do espelho de água proposto para aqui; recentemente foi eliminado um, junto à CGD, que não tinha manutenção... Não concordo com a eliminação ou redução do estacionamento junto ao Virgínia e Montepio. O local é uma bolsa de estacionamento no centro, essencial também ao Virgínia que recebe cada vez mais público de fora de Torres Novas, e o Parque Almonda não pode ser a única solução para o estacionamento.

<p>57</p>	<p>Na “Zona 3 - Reabilitação do Nogueiral” felicitamos a decisão da CMTN em manter o jardim das laranjeiras com a manutenção adequada. No entanto, no geral, a intervenção proposta é na nossa opinião desnecessária, pois da forma como está prevista torna-se demasiado interventiva na zona em questão e não se justifica. A Avenida, como está, já permite a deslocação pedonal e rodoviária apropriadas. Os únicos melhoramentos a considerar seriam a criação de condições para pessoas com mobilidade reduzida (cadeiras de rodas), a criação de uma ciclovia (para deslocações diárias dos cidadãos) que acompanhe o percurso da estrada e a recuperação de alguns espaços que actualmente são apenas brita e terra batida.</p> <p>No que diz respeito aos jardins da zona envolvente, a nosso ver, a proposta apresentada com a remoção das sebes no espaço Oeste, a deslocalização do quiosque aí existente, a destruição do mobiliário em pedra que existe no lado Este e a criação de algumas novas vias de circulação descaracterizam o espaço existente. Gostaríamos também de alertar para o facto dos espaços arrelvados serem de alta manutenção em termos económicos, por isso, achamos que existe todo o interesse em manter os actuais espaços arbustivos em sebe no jardim diminuindo assim a área relvada (que necessita de mais manutenção) e aumentando as áreas com pequenas sombras.</p> <p>Aconselhamos nos casos de novas plantações de árvores e arbustos a ter cuidado na escolha das espécies a utilizar, recorrendo a espécies autóctones e não exóticas, uma vez que as nossas espécies estão mais adaptadas ao nosso clima e condições locais, logo exigem menos gastos de manutenção a curto, médio e longo. É também importante garantir que as árvores existentes sejam mantidas pois não seria economicamente viável e é desaconselhado a nível ecológico que se cortem árvores existentes onde se quer recuperar um espaço verde.</p>
<p>58</p>	<p>Reabilitação do Nogueiral- Av. João Martins Azevedo e outras:</p> <p>Como acima dizia, parece que quem fez estes projetos desconhece a toponímia de Torres Novas. Quanto à Avenida Dr. João Martins de Azevedo não há qualquer necessidade em alterar os passeios ou as faixas de rodagem. Em 1978/1979 aquando da colocação do coletor geral de esgotos foi arrancada a fila de árvores mais próxima da faixa de rodagem e esta foi alargada. O piso da avenida necessita de ser regularizado/nivelado no sentido de acabar com as poças de água ou eventuais buracos mas mantendo o atual calçadão dos anos trinta/quarenta. Quanto aos castanheiros sugiro um melhor estudo para a sua manutenção ou substituição por outro tipo de árvores, porque há alguns demasiadamente corroídos por doença e as podas que têm sido feitas, dos ramos laterais, tiraram toda a sombra que tínhamos.</p> <p>Quanto ao Jardim Municipal sugiro que se mantenha a sua traça original em toda a sua extensão na avenida. No antigo parque infantil, agora espaço vazio, colocar umas mesas e bancos para os nossos reformados e visitantes e aproveitar a casota existente para depósito de jogos e livros que os reformados e outras pessoas poderiam usar. Aquelas passagens no interior do jardim e junto ao rio, ficam bem.</p> <p>Na avenida, a margem esquerda do rio agora também dedicada à pesca desportiva, necessita de uma intervenção no sentido de a segurar da erosão. Para segurar a margem proponho a colocação de nova estacaria em pinho verde entre a Ponte do Raro e a Pérgula. Entre a Pérgula e o Bar Açude Real torna-se necessária a construção de um muro de suporte, em jeito de continuação da Pérgula, porque ali o rio, em tempo de cheia afunila e vai comendo a terra da margem e vejam-se as duas construções que agora estão a cair para o rio a jusante do passadiço para o Jardim das Rosas. Quanto aos pesqueiros para prática da pesca desportiva, sugiro a colocação de bases em madeira tratada ou em pedra pelo que se deve ouvir a opinião da Associação “ Os Amigos do Rio Almonda.”.</p> <p>Excluindo a Rua da Palha que merece alargamento com a demolição das velhas construções junto à ampliação do Quartel dos Bombeiros, as restantes vias não carecem de obras que, a serem feitas e porque foram intervencionadas há pouco tempo, seria esbanjar dinheiro e a cidade precisa de estacionamento em diversos locais e o dinheiro aplicado noutros locais.</p> <p>Jardim das Laranjeiras concordo porque é dar um destino a um espaço vazio.</p> <p>Rua Entre Muros - Ao cimo desta rua está um espaço já limpo de ruínas encostado à Torre do Conde (Cruzeiro). Reforçando as paredes dos dois prédios anexos, a câmara poderia adquirir aquele pequeno canto, e abrir, na base da torre, uma porta de acesso ao espaço exterior do edifício da CEPTON, (antiga biblioteca);</p>

59

Estreitamento do passeio norte - Manutenção da largura do passeio - Não é plausível reduzir a largura de um passeio que tem moradias e serviços públicos, como é o caso dos correios.Álea - Manter as árvores existentes- A própria avenida já se assume como um espaço de álea com árvores de ambos os lados.- Promenade - Manter as áreas de circulação do jardim-Não há novidade no passeio à beira rio.Qiosque deslocalizado para a margem - Manter a localização do quiosque e requalificá-lo, virando a sua esplanada para o rio. Não há justificação para sobrecarregar a margem com um equipamento que funciona bem no meio do jardim e que pode ganhar da ampliação da esplanada para sul. Artérias rodoviárias - Retomar a ligação direta entre a av. dos Bombeiros Voluntário e a rotunda do Açude Real.Há estrangulamento da via e ficam dúvidas quanto ao conforto de circulação de veículos de emergência. Promover a continuidade de pedonalização desde a ponte da Levada ao largo José Lopes dos Santos, à rua do Caldeirão e à rotunda do açude real. Promover a coerência do espaço público, com melhoria para o conforto do peão. Anulação de lancis desde a rotunda da Nery até à rua do Caldeirão, caso se mantenha a intervenção na avenida); caso contrário, anulá-lo na interrupção para acesso ao edifício do açude real, em toda a intervenção dos BVT e até ao acesso ao parque Almonda, na rua do Caldeirão.Largo José Lopes dos Santos-Reequacionar acirculação rodoviária no largo, o estacionamento e a articulação com a envolvente.- Não é perceptível a solução de estacionamento alternativo, nem a forma como será resolvida a circulação automóvel de acesso ao estacionamento do Montepio e à zona de serviço do Teatro Virgínia. É uma incógnita como será a abordagem desta artéria urbana no Plano de Mobilidade Urbana Sustentável e como serão integradas aqui as soluções de mobilidade suave e as estratégias de baixo teor de carbono. Nesta perspetiva sugere-se o aproveitamento do terreno da antiga Nery para parque de estacionamento, com renaturalização das margens do Almonda, funcionando em conjunto com o parque Almonda como estacionamento periférico ao centro. Estes espaços podem ser ligados com um shuttle, um veículo elétrico que faria o transporte entre estes lugares e daqui até ao morro do castelo, com um percurso marcado no chão e sem paragens fixas. Rotunda da Nery-Reconverter o espaço da antiga Nery, na base do viaduto do Rio Frio, em espaço verde nas margens do Almonda, com estacionamento.Requalificação de um espaço vazio, penalizador na leitura da cidade. Desenvolvimento de bolsas de estacionamento na proximidade do centro histórico, que permita a utilização exclusiva de estacionamento de meia hora e de veículos prioritários, no jardim das rosas.Reposição de galeria ripícola bem estruturada, assumindo o espaço como zona suscetível a inundações. Acessos rodoviários- Abertura do acesso da quinta da Lezíria Mitigação dos estrangulamentos da rua da Fontainha e rua de Trás os Muros.